Grã-Bretanha retrocede para a era vitoriana

14/10/2013



Por Roberto Savio, na Carta Capital

Um informe recente do Centro de Análises de Exclusão Social na London School of Economics prevê que, se continuar no atual ritmo de desigualdade, em 2025 a Grã-Bretanha voltará a viver a realidade social injusta que a caracterizava no final do século 19. Em outras palavras, estamos retrocedendo aos tempos da rainha Vitória!

Em 2010, a renda dos principais executivos das cem maiores empresas britânicas aumentaram 49%, enquanto o aumento salarial médio foi de 2,7%. Segundo um informe da Autoridade Bancária Europeia, em 2011 havia 2.436 banqueiros britânicos que ganhavam por ano mais de um milhão de euros (US$ 1,3 milhão), contra 162 na França e 36 na Holanda com essa renda.

A tendência mundial é a mesma. Na China há 1,3 milhão de milionários.

A Forbes, a revista dos ricos, informa alegremente que registra 1.426 multimilionários no mundo, incluídos 122 na China, com patrimônio líquido de US$ 5,4 trilhões.

Isto significa que a riqueza combinada dos multimilionários da Forbes supera o orçamento federal dos Estados Unidos para este ano, de US$ 3,8 trilhões. E se somarmos as fortunas conjuntas dos dez primeiros multimilionários teremos o resultado de US$ 451 bilhões.

Se colocássemos em um avião as 300 pessoas mais ricas do mundo, sua fortuna superaria o patrimônio combinado de três bilhões de pessoas, quase metade da humanidade.

Paul Krugman e Joseph Stigliz, ganhadores do prêmio Nobel de Economia, escreveram extensivamente sobre como as injustiças sociais freiam o desenvolvimento e fomentam crises econômicas.

Krugman documentou que as crises de 1929 e 2008 foram acompanhadas de aumento da desigualdade.

Na década de 1930 foram tomadas medidas contundentes para enfrentar a desigualdade e os interesses ocultos. No mundo atual, esta deve ser nossa principal reflexão, algo que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, não fez. Não esqueçamos que nos tempos de Charles Dickens, Karl Marx denunciava a exploração infantil nas minas britânicas.

Em 1848, a Europa foi sacudida por uma série de convulsões sociais provocadas pela exploração extrema dos trabalhadores. Apesar da repressão, os sindicatos se expandiram e nasceu um movimento político progressista. Marx deu um contexto científico a esta onda crescente, e em 1917, quando triunfou a Revolução

Russa, o capitalismo se sentiu ameaçado.

Para conjurar o perigo, muitos países adotaram reformas. Foram legalizados os sindicatos, integrando-os ao sistema político, a esquerda entrou nos parlamentos e houve uma série de iniciativas para dar respostas às demandas populares.

Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo se transformou rapidamente. Os valores de governança tinham uma forte carga social, que também constava das constituições nacionais: a justiça social, a igualdade, a participação, os direitos trabalhistas, os direitos humanos, a promoção da mulher, a educação para todos, etc.

Mas, façamos uma pausa: seria possível hoje em dia adotar a Declaração Universal dos Direitos Humanos? Os Estados Unidos se comprometeriam a pagar 25% do orçamento da Organização das Nações Unidas (ONU)?

Com a queda do Muro de Berlim (1989) surgiu um novo mundo. O capitalismo, e não o Ocidente, foi o ganhador. E quiseram nos fazer crer que a globalização, entendida como total liberdade para o capital e os investimentos (não para os bens e pessoas), produziria e difundiria bem-estar, segundo a teoria do derrame.

O resultado foi diferente: concentração, iniquidade e evasão de impostos. E já que tanto se publicou sobre paraísos fiscais, espero que baste recordar que eles abrigam US$ 32 trilhões.

A Associação de Bancos Americanos reconhece ter gasto US$ 800 milhões no ano passado fazendo lobby contra a lei de reforma financeira norte-americana, chamada Dodd-Frank, aprovada há mais de três anos. Mas, graças à campanha dos banqueiros, 240 das 398 regras incluídas nessa lei não entraram em vigor.

Desta forma, a verdadeira pergunta é, se em uma sociedade profundamente injusta, a democracia pode funcionar. Ou simplesmente se converte em um mecanismo formal a serviço dos que fazem parte do sistema, ignorando os excluídos? Compartilham a mesma visão do mundo os 300 multimilionários a bordo do avião com os três bilhões de pobres? E, se não é assim, sua visão do mundo conta tanto como a dos 300 multimilionários?

Sabemos que para o tipo de democracia da época vitoriana os indivíduos não eram iguais e estamos conscientes da quantidade de sangue e sacrifícios que foram necessários para alcançar o período de expansão e harmonia social do qual pudemos desfrutar até 1989. Mas, ouviu-se os Obama, as (Angela) Merkel, os (David) Cameron, questionarem sobre esta volta ao passado?

Não esqueçamos o caso de Silvio Berlusconi, o magnata italiano que criou e financiou seu próprio partido, exerceu quatro vezes o cargo de primeiro-ministro, foi declarado culpado de fraude contra o Estado e agora dele depende a estabilidade de seu país. É um expoente da democracia atual, mas, esta é um autêntica democracia?

*** Roberto Savio é fundador e presidente emérito da agência de notícias IPS (Inter Press Service) e editor do Other News.**

Compartilhe nas redes: